

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS - DEA
DISCIPLINA: DIDÁTICA GERAL
PROFESSORA: LUANA MARIA GOMES DE ALENCAR

ISABELA SOARES BARBOSA PINTO
MIRELLA GARCIA FELIPE

Relatório de pesquisa de campo: a didática em questão

TERESINA
2018

ISABELA SOARES BARBOSA PINTO
MIRELLA GARCIA FELIPE

Relatório de pesquisa de campo: a didática em questão

Relatório apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da
Universidade Federal do Piauí na disciplina Didática Geral.
Professora: Luana Maria Gomes de Alencar

TERESINA
2018

SUMÁRIO

● INTRODUÇÃO	3
● DESENVOLVIMENTO	4
❖ ENTREVISTAS	5
● CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
● REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13
● APÊNDICE	14

• INTRODUÇÃO

O universitário está cada vez mais necessitado de atividades e programações que o insiram nas várias realidades de ensino para que no futuro ao exercer sua profissão de mediador do conhecimento disponha de um preparo básico.

A identidade profissional destes universitários resume-se em características e objetivos que os mesmos constroem ao longo da vida. Esta construção se dá durante suas vivências e lembranças através da observação de seus professores passados e presentes e de pesquisadores da área, do que é eficaz ou não na forma que tais professores agem e conseqüentemente nas suas próprias atividades referentes à sala de aula como: disciplinas específicas, palestras, pesquisas de campo, programas de iniciação à docência na instituição, estágios supervisionados obrigatórios ou não, entre outros meios de se refletir e adquirir o fazer ensinar.

Visando a construção de uma reflexão acerca dos meios que permeiam a obtenção de uma identidade profissional, a ministrante mestra da disciplina Didática Geral para o curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Luana Maria Gomes de Alencar promoveu uma pesquisa de campo que aproximará seus alunos ao processo didático de diferentes professores, distintos ou não, mas que estão em vigor nas escolas de fundamental ou médio da cidade de Teresina, Piauí.

A atividade consiste em entrevistas breves com no mínimo dois professores ativos de Artes, formados ou não nesta área, identificados neste relatório por meio de pseudônimos. Foram sete perguntas básicas a respeito da rotina docente, do planejamento exigido e seus entraves, das metodologias aplicadas diante das condições concretas do ensino e avaliação. As correspondentes respostas foram relacionadas aos textos estudados em sala de aula e que estão registrados na bibliografia, para uma melhor reflexão por parte do aluno sobre as novas considerações em relação ao ato de ensinar, agora mais incorporada à uma realidade próxima e acessível.

● DESENVOLVIMENTO

Nossos dois entrevistados serão identificados pelos seguintes pseudônimos: Abaporu, professor de História da Arte no Instituto Educacional São José, zona Norte e Monalisa, professora de Artes na Unidade Escolar Duque de Caxias, zona Sul. Eles cederam seus intervalos de vinte minutos em dias letivos para dialogar conosco sobre o processo didático e suas ações, com o aval dos responsáveis pelas instituições em que lecionam por meio de um ofício direcionado pela professora mestra da UFPI, Luana Maria Gomes de Alencar. Porém, as entrevistas se prolongaram e constatamos que seria mais proveitoso o uso de um aplicativo dedicado às necessidades de interação instantânea: o Whatsapp. Coletamos então áudios dos professores em seus momentos de descanso para realizarmos nosso relatório.

Monalisa e Abaporu são, respectivamente, professores do ensino fundamental e médio de Teresina. Ambos descreveram suas realidades estabelecendo pontuações acerca da indispensável atenção às diferenças entre o ensino infantil e o ensino juvenil, primeiros momentos dos alunos em contato com o fazer artístico e a história da Arte.

Além do fato de que o conhecimento provém mesmo da observação dos meios e suas dimensões, os professores se mostraram familiarizados com um outro fator educativo determinante que se refere não à natureza do grupo, mas de cada indivíduo que leva características e objetivos particulares, carregando assim uma identidade, ou seja, um grupo de crianças tem ansiedades e curiosidades diferentes das de um grupo de adolescentes assim como cada criança e jovem inserido nesses grupos tem desejos distintos. Metodologia reafirmada durante a leitura do capítulo 3 do livro “Didática” - teoria da instrução e do ensino - do educador, escritor e intelectual brasileiro, José Carlos Libâneo, onde atesta que o ensino consiste nada menos que em uma “investigação da natureza”.

Ainda relacionado a esta pertinente observação de Libâneo, todo indivíduo como habitante de um universo autoral deve ser incluído no planejamento do educador, tendo em vista que ele não está lidando com apenas uma realidade como pontuado anteriormente.

Antecipando um ponto essencial que o primeiro entrevistado, Abaporu, lembrou bem quando foi perguntado a respeito de sua rotina docente: “Existem muito mais atividades na rotina de um professor do que simplesmente dar aula...”, de fato, o professor tem de se dividir em inúmeras tarefas além de atender às diversidades. Abaporu exemplifica: “o professor precisa fazer um planejamento, traçar objetivos, seguir um cronograma, adaptar o conteúdo a realidade dos alunos, ser flexível, ser maleável de acordo com cada situação, com cada sala de aula, com cada aluno. Ao longo do processo temos que desenvolver novas estratégias de acordo com os problemas que vem surgindo.” Surge daí várias problematizações, são elas: Como

deve ser o preparo de um professor compromissado? O que ele deve aprender para lecionar bem? Quais medidas deve tomar para que sua ação docente atinja seus alunos de forma crescente?

Em resposta a estas perguntas a leitura do texto “As dimensões do processo didático na ação docente” nos convida a refletir sobre a formação de um professor exímio e autônomo, colocando como destaque o que o professor não detém e o que ele deve conter. De acordo com o texto, o educador não detém talento, senso, vocação ou obrigação educacional, ele constrói medidas organizativas e operacionais por meio de estudos e avaliações, pautadas em uma realidade diversificada que se sucede em inúmeros processos metodológicos visando o desenvolvimento teórico e prático de seus alunos, contemplando a interdisciplinaridade que sustenta o nosso modernismo.

Após a descrição de como se dá a formação de um professor, devemos lembrar que esta construção é dependente de suas experiências e que a democratização delas se faz necessário porque “é esta a forma de vida mais apropriada ao progresso da sociedade”, segundo John Dewey, filósofo, pedagogo e pedagogista, assegurava.

Seguindo as compreensões que foram citadas, relataremos o que os dois entrevistados informaram sobre suas realizações como docentes de acordo com as sete perguntas chaves.

❖ Entrevistas:

1. Quais atividades realizadas em sua rotina docente?

Abaporu e Monalisa pontuam comumente que “as atividades devem ser dinâmicas”. Ademais, Monalisa, que leciona para o 6º (sexto) ao 9º (nono) ano do fundamental diz que além de seguir os conteúdos do livro indicado pela instituição, leva também atividades/exercícios, textos para serem interpretados e debatidos, leitura de imagens e temas como propostas de desenhos para que se desenvolva uma prática em cima do conteúdo estudado.

Outrossim, Abaporu, que leciona para o 1º (primeiro) ao 3º (terceiro) ano do ensino médio informa que tem de haver uma atualização diária do professor a respeito dos conteúdos e das notícias mundiais, pois tudo será direcionado ao Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, que disponibiliza aos estudantes acesso às universidades por meio de notas de corte. Abaporu conclui então que: “Existem coisas que facilitam e que tornam sua aula cada vez melhor.” Recursos como por exemplo, aula expositiva, aula dialogada, trabalhos, filmes, seminários, projetos, tudo isso é feito ao longo do processo para que fique cada vez menos mecânico.

2. O que é levado em consideração no planejamento de ensino? Com que frequência ele acontece? Aconteceu ou acontece de ser necessário rever o planejamento e em que situações?

Os dois professores foram suficientemente claros a respeito do processo de planejamento das aulas. Monalisa leva em consideração os conteúdos do livro, mas observa que há um impasse: “às vezes, o livro aborda uma Arte bem contemporânea e quase não cita algo sobre a Arte de outras épocas” mas que entretanto, “o planejamento acontece bimestralmente, a coordenadora pede os guias...”. Na escola dela chamam de guias o que será feito em sala de aula.

Monalisa também indica a necessidade de mudança, que por vezes se faz necessária porque não dá para conciliar a atividade a certo conteúdo ou a certo tipo de aula, então um encaixe ocorre para a adaptação de conteúdo e atividade.

Abaporu esclarece que o seu planejamento é relativo, depende da escola: “algumas fazem anualmente, outras semestralmente e outras bimestralmente”, mas não deixa de reforçar que “O livro, material didático em si já tem um planejamento... Infelizmente a Arte fica muito direcionada ao trabalho, ele acaba ficando muito técnico, muito mecânico e no caso, a gente se limita a fazer uma atividade voltada para a resolução de questões, então boa parte da beleza, da grandeza de se ensinar se perde por conta que há uma mecanização da educação hoje, então o que não for determinado ao ENEM às vezes é colocado de lado. O planejamento é feito constantemente, eu acho que é uma prática que deve ser colocada como uma espécie de autoconhecimento. O professor tem que ter uma noção do que ele está trabalhando e se há, de fato, uma educação efetiva, se os alunos estão aprendendo. Porque não adianta você dar uma boa aula se não tem um bom retorno. O planejamento deve ser feito a cada aula, semanalmente, mensalmente. O planejamento é feito durante a aula às vezes, porque você vai colhendo as informações. Existe aí essa questão de trabalhar a obrigatoriedade pelo menos uma vez no ano ou então a cada semestre, mas acredito que o professor que tem um compromisso, que queira sempre se renovar precisa sempre estar trazendo novidades, sempre colocar em pauta o fundamento da sua aula, ele precisa rever, um processo constante de autoconhecimento.”

3. Qual a principal(is) dificuldade(s) na etapa de planejamento de ensino?

Para o fundamental, segundo Monalisa, “a dificuldade maior é de pôr em prática o planejamento, porque levamos uma proposta de atividade ou um texto complementar e muitos alunos não trazem o material ou não poderiam comprar. Existe uma certa resistência por parte deles também e além disto, precisamos de subsídios que muitas vezes não são encontrados na escola.”

Para o médio, Abaporu ressalta a maior dificuldade: a comodidade. Diz que: “alguns professores acabam adquirindo este hábito e acabam mecanizando a aula,

tornando-a chata”. Ademais “deixar a aula livre também é difícil porque muitas vezes você estabelece um planejamento e quando você chega em sala de aula há uma distância muito grande entre teoria e prática e tudo aquilo que você trabalhou, tudo aquilo que você pensou que ia acontecer não acontece. Então você precisa modificar com um plano... Eu costumo dizer que um professor tem que ter um plano A, um plano B, um plano C... Às vezes você estipula uma aula no data show e o data show está com defeito ou você quer fazer uma aula que depende de uma apostila, mas a coordenação não teve tempo de imprimir e se você tiver como seguir exatamente o planejamento e ele não funcionar, você precisa ter uma possibilidade de mudar sua aula naquele exato momento e isso é bastante difícil. Logo, para fazer um planejamento você tem que entender a realidade do aluno, trazer o conteúdo para perto da sala de aula, fazer com que se torne mais interessante.

Ele afirma em seguida que “Há uma cobrança muito grande em determinar que o professor consiga extrair essa curiosidade do aluno, não é fácil, porque nem todos os conteúdos são atrativos. Um aluno que tenha o direcionamento mais para humanas raramente vai ter tanto interesse para exatas, então observamos em sala de aula e batemos de frente com alunos que não tem interesse nisso.”

Acaba por concluindo que “O planejamento serve exatamente pra poder agradar a gregos e troianos, fazendo com que o conteúdo se torne mais efetivo, mais didático e mais interessante ao longo do processo.”

4. Quais as principais metodologias utilizadas em sala de aula por você? O que é levado em consideração na escolha da metodologia mais adequada para o conteúdo trabalhado, ou para as exigências da instituição, ou ainda para as condições concretas do ensino (quantidade de alunos, duração da aula, disponibilidade de recursos e etc.)?

A metodologia utilizada por Monalisa na sala de aula, está na dinâmica da leitura coletiva e pausas para explicação do conteúdo. Além de pranchas de desenhos, imagens e livros de arte para atividades na sala de aula. Em alguns casos é utilizado o recurso do data show e televisão, sendo estes os últimos recursos a serem optados. Para ela, a leitura deve ser muito trabalhada, pois muitos dos seus alunos não a dominam bem. Por isso, explicar o significado de algumas palavras desconhecidas e interpretar os significados dos textos juntamente com os alunos são momentos importantes para a aula. Monalisa destaca ainda a importância do livro de Arte, visto que a escola possui outros livros da área que também podem ser adotados em sala. Ela relata que leva a seus alunos imagens interessantes que prendem a atenção deles e afirma que esse método torna a aula mais prazerosa.

Já Abaporu destaca a consideração por fatores primordiais como por exemplo, o objetivo da escola, a etapa em que o aluno está inserido, a cronologia do livro

adotado, entretanto não descarta as oportunidades de estar ligado a coisas novas, “sempre trazendo à tona a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, em que ela define que o ensino da Arte deve ser pautado na história da Arte que é a sessão de eventos em que o homem se fez artista ao longo do processo antropológico; a leitura de imagem, que é maneira pela qual o aluno terá conhecimento em decodificar as imagens, em saber ler as pinturas, os desenhos e obter informações e a terceira parte seria o fazer artístico, que infelizmente nas escolas fica muito complicado por conter barreiras a serem quebradas.”

Abaporu conhece a resistência dos alunos de ensino médio em fazer atividades práticas. Conclui que a educação vigente se tornou muito comercial, útil apenas para adentrar na universidade, pois é uma cobrança geral das famílias e da escola. Então, pontua ele, “tento levar em consideração tudo isso e criar uma metodologia mais direcionada, mas aos poucos consigo também preencher as lacunas dessas atividades, fazer algo um pouco mais lúdico, porque eu sempre penso que o aluno estuda muitas vezes de segunda à sábado, algumas escolas exigem dois turnos em alguns dias específicos e são muitas horas em que ele é obrigado a ficar em uma carteira escolar desconfortável, assistindo uma aula atrás da outra. Acredito que se o professor tem um pouquinho de diferencial ele contribui e faz com que a educação seja melhor, mais fácil, mais leve e conseqüentemente, mais efetiva.”

Ele acrescenta ainda que além do uso da tecnologia, de imagens, filmes e data show, o professor pode trazer outros elementos como videogames, histórias em quadrinhos ou qualquer elemento diferenciado, afirma ele que: - “Tudo que o professor puder ter de habilidades e puder trazer pra realidade da sala de aula de maneira didática, lúdica e que possa agregar o conhecimento são bem vindos. Então acho que vai ao longo do processo criando. Se o professor souber tocar violão, ótimo! Se ele souber fazer algo no computador diferente, um desenho ou uma atividade, se ele tiver noções de cinema, se ele puder fazer qualquer coisa de empreendedorismo com noções de economia, tudo que ele puder trazer dentro da sua realidade, eu acho que é bem vindo.”

5. O que você considera ser o principal requisito/conhecimento para uma prática competente enquanto professor(a)?

Segundo Monalisa: “O principal requisito que o professor deve ter para repassar é o conhecimento histórico e prático sobre o conteúdo abordado.” Para ela, o professor de Arte precisa dominar não só o conteúdo histórico como também a prática artística. O domínio da prática é muito cobrado pelos alunos do ensino fundamental, visto que muitos professores de Arte não trabalham a sensibilidade, o lúdico e a prática. Então, ela finaliza ressaltando a importância do domínio do conteúdo e que para ser professor da área se deve realmente entender sobre para dialogar de forma capacitada com seus alunos, pois muitos reclamam da falta de bons profissionais de Arte.

Abaporu vai mais adiante e frisa a importância do professor ser um facilitador, um meio termo que fará com que o aluno possa descobrir seus talentos, seu potencial e se tornar um cidadão responsável, crítico, sensível, perceptivo e que tenha uma independência intelectual, que se estabeleça como um ser evolutivo e perceba a educação como um processo de transformação, aquele que busca e adquire seu caminho através das portas que o professor deixou abertas.

- “Acho que um dos requisitos do professor além dele ter conhecimento, conteúdo no que ele vai trabalhar, ele tem que ter desenvoltura, ele tem que ser uma pessoa simpática e ao mesmo tempo ele tem que passar, não vou dizer um autoritarismo, mas um controle de turma, é necessário haver uma relação horizontal com os alunos, pois hoje em dia esses alunos têm muito conhecimento, muito acesso diferente de antigamente em que o aluno tinha apenas o recurso do próprio livro como busca de conhecimento e nesse caso era mais fácil. Hoje com a internet, com programas de tv, canais como o Discovery Channel, o aluno tem a possibilidade muito grande de adquirir conhecimento além da sala de aula e às vezes naquele momento, naquele conteúdo especificamente ele pode vir a ter mais conhecimento que o professor. Ele lança um pergunta que o professor não sabe, então acredito que além do conhecimento que o professor tem que ter e a atualização constante, tem que ter um bom relacionamento com os alunos, tem que ter uma boa desenvoltura, tem que saber trabalhar individualmente, porque cada aluno tem uma necessidade, cada aluno aprende de uma forma diferente e muitos alunos não tem o menor interesse em aprender aquilo que você está ensinando. Então é uma profissão um tanto que ingrata, porque são muitas as obrigações, são muitas as cobranças e muitas vezes o próprio benefício é pequeno, mínimo. Não me refiro exatamente à questão financeira, mas me refiro à prática de ensino e à possibilidade que o professor tem em sala de aula, tratando-se dessas questões, então hoje o professor tem que ser um pouco de psicólogo, um pouco de ator, um pouco de diretor, tem que saber falar de política, de economia, tem que trazer o conteúdo para realidade dos alunos, ele tem que ser um professor que saiba resolver questões, que facilite a aprendizagem, são muitos fatores, muitos! O professor tem que ser uma espécie de canivete suíço, ele tem que ter várias funções, tem que ter várias potencialidades para fazer com que seu ensino de fato, seja um ensino que valha a pena e que crie esse interesse por parte dos alunos” - complementa, ele.

6. Qual conhecimento/saber você aprendeu no curso de formação que você considera ter sido importante para a sua prática de professor(a), especificamente no início da carreira?

O que se considerou importante durante a formação de Monalisa foi “a descoberta da importância da História da Arte”. Monalisa relata que antes de entrar na universidade via a Arte como uma disciplina apenas prática e sequer conhecia

sua importância histórica. E também não valorizava seu próprio desenho, o julgava até mesmo primitivo se comparado à desenhistas clássicos. Porém, ao longo da sua jornada universitária, ela pode reconhecer que cada pessoa possui uma peculiaridade no traço e disso se fez a marca de sua identidade como artista.

O desabafo de Abaporu consistiu na falta de orientação que teve para exercer a licenciatura. “Você não adquire o conhecimento necessário para se trabalhar dentro de sala de aula. Infelizmente os cursos não preparam bem os professores. Você sai da universidade muito cru, muito verde e muito distante da realidade pela qual você vai encarar. Às vezes o próprio professor de didática não tem didática”, relata ele.

O ponto mais grave de sua resposta se deu na seguinte confissão: “Usei muitos docentes ruins como referência para não seguir exatamente aquele parâmetro. Professores que enrolam aula, que faltam, chegam atrasados, tendem a fazer uma avaliação baseada muitas vezes na cara do aluno, no relacionamento fora da sala de aula... então, a maior referência que tive enquanto aluno, muitas vezes foi de não ser igual a esses professores que perseguem alunos, que tem uma aula desinteressante, uma aula muita vezes bastante ortodoxa e que não funciona. Para mim, eu sempre tento ver o meu trabalho, o meu projeto como uma espécie de metamorfose, as coisas sempre tem que estar em processo de mudança e a cada aula, a cada conhecimento, a cada explicação, tento voltar atrás e pensar: Será que estou me saindo bem? Será que estou conseguindo? Será que estou fazendo com que minha aula seja interessante? Enfim, minha maior influência foi essa: não ser igual aos professores ruins que tive e que muitas vezes atrapalharam minha aprendizagem.”

7. Quais as principais práticas avaliativas utilizadas por você? O que é levado em consideração para escolher essas práticas?

As principais práticas artísticas utilizadas na sala de aula por Monalisa são: o trabalho prático do desenho e a prática do teatro. A partir do desenho ela trabalha de modo com que seus alunos desenvolvam seus próprios traços e formem sua identidade artística. Essa atividade é feita com um caderno de desenho, que se torna o portfólio dos alunos. Além disso, ela aplica atividades que envolvam o teatro em um ambiente fora de sala de aula, por meio de exercícios corporais e outras práticas necessárias para o aguçamento da sensibilidade, da atenção e da observação, considerado por ela características muito importantes a serem assimiladas na idade de seus alunos.

No ensino médio isso se modifica, Abaporu protesta: “infelizmente temos que direcioná-la a questões contextualizadas do ENEM. Por que infelizmente? Porque muitas vezes você deixa de avaliar o aluno de uma maneira mais abrangente.”

Ele confessa que reconhece as diversas potencialidades dos alunos e que as avaliações podem ser injustas, visto que nem sempre quem adquire o primeiro lugar ou a nota máxima é de fato o mais merecedor, porém “a escola ainda não está

pronta para valorizar outros aspectos, ela continua colocando como primeiro lugar os alunos que melhor sabem escrever ou calcular, pois são as duas mais importantes disciplinas”, ironiza ele.

● CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise, podemos concluir que a educação necessita de mudanças relevantes, notoriamente quando se trata do ensino das Artes. A queixa dos professores sobre um sistema falho e desestruturado para uma aprendizagem mais efetiva acerca do mundo artístico, é um exemplo da ausência de valorização das escolas para com o ensino da disciplina . Porém, os próprios professores, conscientes da abrangência de seus assuntos, trazem recursos dinâmicos e diferentes para sala de aula, mesmo que (como no caso do professor do ensino médio) precisem trabalhar o conteúdo focando apenas no ENEM. É importante enfatizar que para que tenhamos melhorias a respeito do ensino da Arte, é preciso que se considere as particularidades dos alunos, trabalhe sua sensibilidade e sua construção identitária, assim como também valorizar a ação do professor, que torna cada vez mais multidisciplinar.

- **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 3° Ed.- Coleção Fronteiras da Educação. Tradução: Francisco Pereira. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 3° capítulo: Teoria da instrução e do ensino. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio R.A. **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004.

- **APÊNDICES**

